

## **O silêncio, a leitura de textos literários e o ócio como formas de resistência na contemporaneidade**

### **Silence, reading literary texts and leisure as forms of resistance in contemporary times**

DOI:10.34117/bjdv7n7-384

Recebimento dos originais: 15/06/2021

Aceitação para publicação: 15/07/2021

#### **Berta Lúcia Neves Ponte**

Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Psicóloga clínica. Universidade de Fortaleza.

Endereço: Rua Carlos Vasconcelos, nº 146, apartamento 1300; Bairro Meireles, Fortaleza, CE, Brasil.

E-mail: bertaponte@hotmail.com

#### **Marlo Renan Rocha Lopes**

Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Professor do curso de graduação em Psicologia na Faculdade Vidal (Limoeiro do Norte, CE, Brasil).

Endereço: Avenida Rogaciano Leite, nº 200, apartamento 504, Bloco Azalee; Bairro Patriolino Ribeiro, Fortaleza, CE, Brasil.

E-mail: marlo\_renan@hotmail.com

#### **RESUMO**

A contemporaneidade cansada nos revela patologias decorrentes de uma produtividade potencializada por uma hiperconexão interativa em redes sociais e de trabalho. O sujeito contemporâneo reproduz a ordem imperativa de fazer sempre mais, em uma aceleração que lhe dá a ilusão de preencher um vazio existencial. Este estudo tem como foco pensar o silêncio, o ócio e a leitura de textos literários como formas de resistência na contemporaneidade. Para isso, foi realizada uma revisão narrativa de literatura, a partir de livros e nas bases de dados PePSIC, SciELO e BDTD – IBICT. Restituir o silêncio e convocar a experiência da leitura de textos literários talvez nos permita usufruir dos vazios e desertos existenciais, não como desesperos e fugas, mas com inscrições e reinscrições de sentidos e significados: resistindo a uma contemporaneidade que nos vende a ilusão de que não podemos parar e de que a experiência está sempre fora do sujeito. O ócio vai na contramão dessa ordem produtiva, manifestando uma resistência na escuta silenciosa de si e do mundo que nos cerca, bem como proporcionando a temporalidade e o espaço adequados para a leitura potencialmente transformadora de si. O mundo contemporâneo gera um vazio de pensamento que o ócio tem potenciais para preencher, tanto na forma do silêncio restaurador como na forma da leitura de textos literários capazes de proporcionar a elaboração de novos sentidos para o sujeito.

**Palavras-Chaves:** Contemporaneidade, Resistência, Silêncio, Ócio e Trabalho.

#### **ABSTRACT**

The tired contemporaneity reveals us pathologies resulting from a productivity potentiated by an interactive hyper-connectivity in social and work networks. The contemporary subject reproduces the imperative order of always doing more, in an

acceleration that gives him/her the illusion of filling an existential void. This study focuses on thinking about silence, idleness, and the reading of literary texts as forms of resistance in contemporaneity. To this end, a narrative literature review was carried out, based on books and on the PePSIC, SciELO, and BDTD - IBICT databases. Restoring silence and summoning the experience of reading literary texts may allow us to enjoy the existential voids and deserts, not as despair and escape, but with inscriptions and reinscriptions of senses and meanings: resisting a contemporaneity that sells us the illusion that we cannot stop and that experience is always outside the subject. Leisure goes against this productive order, manifesting a resistance in the silent listening of oneself and of the world around us, as well as providing the appropriate temporality and space for a potentially transformative reading of oneself. The contemporary world generates a void of thought that leisure has potentials to fill, both in the form of restorative silence and in the form of reading literary texts capable of providing the elaboration of new meanings for the subject.

**Keywords:** Contemporaneity, Resistance, Silence, Idleness, Work.

## 1 INTRODUÇÃO

A contemporaneidade vem apresentando alguns aspectos que merecem reflexões acerca de seus efeitos e consequências na vida pessoal e social de todos nós. A conectividade em redes interativas e a ampliação do uso da tecnologia vem ocasionando algumas patologias que o filósofo coreano Byung-chul Han (2015) revela como típicas da sociedade do cansaço.

Essa contemporaneidade cansada e exausta, descrita por Han (2015), dá continuidade a uma reflexão que vem desde Bauman (2005), com a sociedade líquida; com Lipovetsky (2007), com a noção de hipermodernidade e hiperconsumismo; e com Beriaín (2008), com os apressamentos que orientam os tempos hipermodernos. Cada um desses autores traz reflexões que visam a suscitar em nós algumas inquietações e questionamentos fundamentais, para podermos pensar uma contemporaneidade mais saudável e solidária.

Para Han (2015), a sociedade cansada vem da mudança do paradigma da negatividade (disciplina) para o paradigma da positividade (produtividade). A negatividade era determinada por uma disciplina rígida, onde normas e regras controlavam o sujeito e impunham um modo de ser. Foucault (2014) reflete de maneira exaustiva a sociedade da disciplina. Em *Vigiar e Punir*, ele delinea a disciplina que foi sendo criada para vigiar e controlar o indivíduo.

No paradigma da positividade, a disciplina é substituída por uma produção individualizada, em que o sujeito do rendimento internaliza a ordem de “não poder não

fazer”. Ele passa a ser o patrão e o empregado de si mesmo, explorando-se de modo voluntário. A coação própria torna-se mais fatal do que a alheia, uma vez que torna impossível qualquer resistência de si contra si (Han, 2017).

Nessa sociedade cansada, algumas patologias são decorrentes dessa produtividade; a hiperconectividade e a aceleração vêm demandando dos indivíduos uma necessidade de estar on-line 24 horas, sem paradas e descansos (Han, 2015). As patologias referentes à sociedade do cansaço são: depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH) e síndrome de Burnout (SB).

O cansaço contemporâneo é um cansaço que parece não ter fim; dorme-se mas não se descansa. Estamos com uma sensação constante de débito e atraso, como se o tempo estivesse escorrendo de nossas mãos em uma velocidade que nos desorienta e atormenta. O tempo parece passar em uma velocidade tal que alimenta a ideia de que temos tudo e nada ao mesmo tempo. O vazio acaba imperando: um vazio depressivo que, segundo Ehrenberg (2000), instala-se diante de uma recusa a qualquer angústia.

O apelo permanente aos objetos do mundo externo, para Ehrenberg (2000), é uma maneira de alimentar a depressão, o vazio existencial que vem consumindo o sujeito em uma espiral. O vazio impotente e o vazio compulsivo são duas faces de uma mesma moeda. A impotência demarca o sujeito cansado e depressivo que já não aguenta mais tantas demandas e expectativas, enquanto a compulsão, por sua vez, acelera e vende a ilusão de uma potência que não se sustenta.

A implosão depressiva e a explosão aditiva tornam-se uma combinação paradoxal que alimenta de maneira violenta o vazio que vem tornando a vida des-graçada, ou seja, sem graça e vigor. Como consequência disso, os medicamentos antidepressivos e ansiolíticos criam verdadeiras toxicomanias, recriando artificialmente uma euforia de superfície, e nada de felicidade ou bem-estar.

Diante desse panorama, perguntamo-nos quais alternativas podem surgir como formas de resistências na contemporaneidade. Será que a restituição de um silêncio primordial se configura como uma resistência? Será a leitura de textos literários uma possibilidade de o sujeito convocar experiências transformadoras para si, resistentes ao apressamento e ao imediatismo contemporâneo? Será o ócio também uma resistência aos valores contemporâneos?

Os questionamentos levantados acima nortearam nossas reflexões acerca da contemporaneidade. Para isso, foi realizada uma revisão narrativa de literatura, a partir de livros e nas bases de dados PePSIC, SciELO e BDTD – IBICT, com as seguintes

palavras-chave: contemporaneidade, resistência, silêncio, leitura, textos literários, ócio e trabalho. Acreditamos que podemos levantar algumas alternativas e possibilidades de resistência na contemporaneidade hiperconectada e cansada.

## 2 DAS RESISTÊNCIAS...

Refletir acerca do conceito de resistência como ponto de partida é pensar o silêncio e o ócio dentro de um contexto de alternativas e possibilidades, diante da contemporaneidade que parece fazer com que o sujeito venha desaparecendo e dissolvendo-se. Talvez refém e prisioneiro de uma tela virtual que o engole e o cospe de volta para o mundo real sem contornos e limites – uma transparência que Han (2017) denomina como um abismo infernal do igual. Do que não tem limites e referências, aqui desaparecem o si mesmo e o outro, em uma igualdade inumana.

O que vem a ser resistência? A questão da resistência está presente em todas as fases do pensamento de Foucault. Grabois (2011) destaca que a codificação estratégica dos pontos de resistência ao poder é que torna possível uma revolução.

O poder, para Foucault, está em toda parte e provém de todos os lugares. Ele não é uma instituição, nem uma estrutura, mas o nome que se dá a uma situação estratégica em uma determinada sociedade. De acordo com Arendt (2009), o poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida em que o grupo se mantém. Ele é dependente de um acordo frágil e temporário de muitas vontades e intenções.

O poder não existe enquanto coisa que possa ser possuída, estocada e trocada, tal qual um bem material. Nada pode ser mais frágil do que o poder, que na verdade não é senão um potencial de poder e pode, portanto, vir a esgotar-se.

Foucault defende que onde há poder, há resistência, sendo necessário reconhecer o caráter estritamente relacional das relações de poder. Estas não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência, que estão presentes em toda a rede de poder e representam, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a apreensão (Grabois, 2011, p. 11).

Onde existe poder, existe resistência. O poder é relacional e as resistências surgem de modo plural, sendo espontâneas, solitárias, planejadas, improváveis, violentas; enfim, não há como mensurar ou controlar as resistências. Elas distribuem-se no tempo e no espaço de maneira irregular, sendo muitas vezes móveis e transitórias, provocando rupturas e mudanças que muitas vezes podem demorar a ser percebidas.

O poder e a resistência, segundo Marinho (2017), não se desenvolvem e se exercem nas formas do direito e da lei. Não se originam somente do Estado, a partir da categoria jurídico-política da soberania. O poder é coextensivo à resistência; um implica a existência do outro, portanto, há sempre uma possibilidade de resistência. “Nunca somos pegos na armadilha pelo poder: sempre podemos modificar-lhe o domínio, em determinadas condições e segundo uma estratégia precisa” (Marinho, 2017, p. 90).

Para Foucault, se não houvesse resistência, tudo seria uma simples questão de obediência. Na verdade, poder e resistência são termos complementares, existem em uma relação. Investigar as formas de resistência talvez possa nos fazer compreender o que são as relações de poder.

As contracondutas, sublevações e lutas são maneiras de contribuir para a explicitação e análise crítica da resistência. As contracondutas são ações que se opõe a ser conduzidas conforme o que está prescrito. Ações essas que apresentam lutas ativas contra os procedimentos postos em prática para conduzir os outros.

Foucault sugere tal palavra porque acredita que a desobediência é pouco expressiva para demarcar a resistência. O conceito de sublevação associado a resistência é, segundo Grabois (2011), cunhado por Foucault no final da década de 1970. Diante das tensões políticas vividas naquela década no Irã, Foucault percebe uma sublevação, um desejo do povo de mudar radicalmente seu modo de ser, mudar a própria subjetividade. A liberdade desponta como um valor a ser preservado e que ninguém tem o direito de tirá-la. Assim, a “subjetividade (não a dos grandes homens, mas a de qualquer um) se introduz na história e lhe dá seu sopro” (Grabois, 2011, p. 21).

O problema que se coloca à questão do governo dos indivíduos e das populações é o da intervenção permanente do Estado na vida social. Não se trata de exatamente de descobrir o que somos para liberar o indivíduo do Estado e de suas instituições, mas de recusar o que somos, isto é, nos liberarmos do Estado e de suas instituições e do tipo de individualização que a ele se liga. É preciso, segundo Foucault promover novas formas de subjetivação através da recusa do tipo de individualidade que “nos foi imposta há vários séculos” [...] Promover novas formas de subjetivação através do governo de si por si mesmos. É este o caminho de resistência apontado por Foucault (Grabois, 2011, p. 24).

Podemos perceber a atualidade do pensamento de Foucault acerca das resistências. A questão fundamental é resgatar-se, apropriar-se de si nas mais diversas formas de resistências que nos são apontadas face ao poder imperativo do estar on-line,

de repensar sentidos e significados para um existir mais humano, ao invés de ficar conectado a uma rede que engole e absorve o indivíduo atualmente.

### 3 DO SILÊNCIO...

Diante do contexto contemporâneo, o silêncio poderá nos apontar modos de resistência que vão de encontro à sociedade do cansaço. Talvez escutar os silêncios que nos habitam, muitas vezes encobertos por ruídos e sons que nos invadem no dia a dia, seja uma resistência à produtividade frenética.

Silêncio muitas vezes é confundido com isolamento, tédio, tristeza e exclusão. Face a tal confusão, é importante deixarmos claro o que significa o silêncio aqui proposto como resistência.

O excesso produtivo da sociedade do consumo, para Breton (1999), também coloca a palavra e a comunicação reféns da necessidade contínua de estar produzindo, inclusive discursos e palavras. Assustados com o silêncio, de acordo com Breton (1999), rompemos a regra da reciprocidade do diálogo. Falamos muito e escutamos pouco ou quase nada, numa corrente infindável de palavras sem sentido.

Segundo Novaes (2014), só nos Estados Unidos, houve um aumento de quase sete trilhões de palavras faladas, a partir da invenção das novas tecnologias. O que se fala tanto? Estamos, segundo o autor, entrando na civilização de falastrões em Facebook, Twitter, celulares... Se é graças à fala que o espírito se desenvolve, o que fazer diante de tantas palavras?

Há um vazio entre o pensamento e as coisas, e este vazio é muitas vezes preenchidos com falas que nos dão a ilusão de tamponar tal vazio com palavras ocas, esgotadas em seus significados. Misturadas e confusas, as palavras não sustentam um vazio que é da ordem do existencial, do essencial à constituição humana, que demanda sentidos e significados. O desamparo existencial, constituinte do ser, é cada vez maior nessa avalanche de aceleração (Larossa, 2014; Han, 2015).

O silêncio muitas vezes é confundido com mutismo, que na verdade tem uma significação muito diferente. Chevalier e Gheerbrant (2012) nos esclarecem que, enquanto o silêncio é um prelúdio de abertura à revelação, o mutismo é um impedimento à revelação. O silêncio abre uma passagem, o mutismo a obstrui. Mudo é aquele que bloqueia a fala, que se ausenta e corta qualquer possibilidade de abertura. Segundo as tradições estudadas por Chevalier e Gheerbrant (2012), houve um silêncio antes da criação, haverá um silêncio no final dos tempos.

O colapso da comunicação é apontado por Steiner (2014); que afirma que o saber está sendo fragmentado devido à intensa especialização, protegido por linguagens técnicas cada vez menos passíveis de ser dominadas por alguma mente individual. Fica difícil lutar contra a estridente mudez contemporânea.

As redes sociais criam ciladas perigosas para a ilusão de uma companhia, que muitas vezes não passa de meras visões fluídas que aparecem e desaparecem com um único apertar de teclas. Muda-se de tela como se muda de ideias, em um descompromisso e descaso que impossibilita a criação de vínculos e relações significativas (Han, 2016).

O silêncio aqui proposto não é o silenciamento do vazio, do tácito e do não dito, mas um silêncio repleto de sentidos vivos, cuja potência significativa não pode ser alcançada plenamente, apenas vislumbrada. O silêncio, para Yamakawa e Tofalini (2016), é permeado por uma ausência originária, que impede que o homem se sinta totalizado. Reconhecer nossa incompletude e mobilidade são benefícios da experiência do silêncio.

Perdeu-se o espaço do silêncio. O ruído constante do mundo online não nos deixa sós, muito menos nos faz companhia. Gerando indivíduos automatizados e atordoados diante de um “olhar e não ver”, um “escutar e não ouvir”, um “dormir e não descansar”. Vive-se como mortos-vivos, numa busca incessante que vem nos levando ao vazio existencial e à perda do significado (Han, 2014).

Como nos fala Breton (1999), em cada homem, é a parte do silêncio que o conduz no fio tênue da palavra, que acompanha a existência de todos os dias e as suas relações com os outros.

Quando o homem se cala, não deixa de comunicar. O silêncio nunca é o vazio, mas um sopro entre palavras, a curta pausa que permite a circulação do sentido, a troca de olhares, emoções, a ponderação breve dos assuntos que saiam dos lábios ou o eco da sua recepção, o trato que permite modelar a palavra através de uma ligeira inflexão da voz, imediatamente aproveitada por quem esperava o momento favorável (Breton, 1999, p. 24).

O silêncio na citação acima é uma mediação entre a escuta e a palavra. Uma abertura, um fôlego e um espaço para a criação de sentidos e significados nos encontros consigo mesmo e com o outro. O silêncio e a palavra não são contrários, mas sim ativos e significantes, e o discurso não pode existir sem a sua ligação mútua. Não existe palavra sem silêncio. A ideologia contemporânea é que não suporta esse fato, pois a aceleração e o consumo não consentem que as pessoas parem, pensem e se apropriem de si. Todo

enunciado nasce do silêncio interior do indivíduo em permanente diálogo consigo mesmo (Breton, 1999).

O silêncio não é o fim, visto que, ao calar, continuamos a falar incessantemente. Ele arrebatado do vazio outros modos de fala, que toca o vazio e o faz ecoar (Ribeiro, 2014). As palavras e o silêncio misturam-se para chegar a um intercâmbio, e as pausas tornam-se necessárias para que a língua não fique submergida no excesso de palavras.

Na sociedade da positividade, de acordo com Han (2015, 2017), a negatividade do outro foi suprimida por um excesso de estímulos e informações, dentro de um contexto de coação por transparência que derruba todas as cercas e umbrais. O espaço transparente é pobre em semântica, já os significados surgem apenas por meio de umbrais e passagens, de resistências.

O poder do silêncio reside na sua potência de estar grávido, um local de nascimento que abre à criação. O silêncio traz um momento de recuperação da constante demanda do dia a dia, sem a necessidade de formulações imediatas (Morgan & Zimmermann, 2015).

Podemos parar, interromper o movimento, a aceleração, resistir à positividade exponencial. Podemos fugir ao puro reagir que nos empurra à sociedade da produção; podemos criar intervalos. A metáfora do intervalo como lugar da suspensão propiciadora da contemplação é, para Lima (2017), o que a criação e a recriação do mundo reclamam.

Escutar os silêncios que nos habitam e habitam o mundo em que vivemos na contemporaneidade surge como alternativa e possibilidade de resistência. Estamos com déficit de intervalos, de espaços reflexivos, de contemplação e de interpretação. Por que também não dizer: déficit de silêncio, de apropriação de si, de espaços de autonomia e independência (Matos, 2014).

#### **4 DA LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS...**

A leitura de textos literários abrange, em larga medida, uma produção de sentido elaborada a partir da relação do leitor com o texto, e essa produção de sentido acarreta uma experiência que pode afetar o sujeito e transformá-lo, ao perturbar a ordem de sua identidade e de sua representação do mundo (Cabral, 2006; Freire, 2008; Larrosa, 2003; Piegay-Gros, 2002). Ao encarar a leitura de textos literários como uma possibilidade de experiência, o leitor se propõe a elaborar um diálogo entre suas vivências, os temas abordados pelo texto e a reflexão potencialmente transformadora que se torna viável a partir deste encontro (Almeida, 2014; Candido, 1999). Além disso, a leitura de textos

literários pode constituir uma experiência que proporciona ao leitor o exercício de novos modos de pensar e interpretar o mundo e a si mesmo, subvertendo a palavra de ordem que baliza os padrões sociais, os pensamentos estereotipados e as relações de controle instituídas (Almeida, 2008; 2009; Deleuze & Guattari, 1995).

A partir destas proposições, surge a pergunta: como a leitura de textos literários pode ser apreendida enquanto experiência transformadora do sujeito e, nesse caso, resistente à banalização do consumo rápido e do apressamento das vivências na contemporaneidade?

Enquanto experiência, a leitura de textos literários pressupõe um engajamento particular do sujeito no ato de ler em si, sendo possível estabelecer diferenças entre a atividade de leitura – o ato concreto de ler – e a experiência de leitura – o submeter-se à potência criativa do texto literário, deixando-se afetar pela sua proposta desordenadora (Benjamin, 1994; Larrosa, 2002; Piegay-Gros, 2002). Nesse sentido, ao discorrer sobre a leitura de textos literários e seus efeitos na subjetividade do leitor, compete discorrer também sobre o conceito de experiência, que intrinsecamente define este tipo de leitura e está cada vez mais relacionada aos estudos da psicologia (Cabral, 2006; Kramer, 2000; Larrosa, 2002, 2003).

É comumente atribuída à leitura de textos literários – e à literatura, de modo mais amplo – a capacidade de transgredir o instituído cotidiano e dissolver, ainda que por um breve instante, a homogeneidade das palavras de ordem que circulam no dia a dia, a hegemonia dos discursos responsáveis por criar e manter hábitos estereotipados, condutas e modos de pensamento impostos (Almeida, 2014; Deleuze, 1997; Deleuze & Guattari, 1995; Foucault, 2001). Essa capacidade seria fruto da dimensão criativa e crítica da literatura e da leitura literária, que sustentam uma posição oposta ao desejo de verdade e controle; ao contrário, usam-se precisamente dos dogmas e dos juízos instituídos para suscitar uma reflexão sobre a existência (Almeida, 2014).

Adotando esta perspectiva da leitura enquanto relação do leitor com o mundo e produtora de sentidos, Larrosa (2003) define a leitura de escuta, reflexiva por definição. Neste tipo de leitura, aqui tomada como uma possibilidade de leitura de textos literários, o leitor exercita a sua capacidade de livrar-se de seus preconceitos e de suas expectativas e acolhe atentamente os conteúdos suscitados pelo texto, fazendo-os ressonarem em seu mundo interior a partir de suas próprias vivências e experiências.

É precisamente por essa capacidade introspectiva que o autor deu a tal modalidade de leitura o qualificativo “de escuta”, pois nela o leitor se dedica atentamente a receber o

conteúdo do texto, sendo a “escuta” aqui interpretada com base no seu significado de “compreensão empática”. Diferentemente da leitura de apropriação informacional, em que o leitor se dedica a dominar o conteúdo que leu, a leitura de escuta é reflexiva e pode promover uma perturbação na identidade do leitor, que permite que o texto literário reverbere nele, afete-o e o transforme, em um encontro de sentidos (Larrosa, 2003). Neste caso, a leitura não possui outra finalidade a não ser a experiência da própria leitura e a sua possibilidade de proporcionar mudanças no campo subjetivo do leitor (Cabral, 2006), fortalecendo seu senso crítico e, assim, proporcionando ao leitor uma possibilidade de resistência aos valores correntes.

Pensar a leitura de textos literários como uma leitura de escuta, possível desencadeadora de experiências nas quais o leitor constrói sentidos, afeta-se e transforma sua compreensão do mundo, implica encarar tal atividade como um exercício intelectual que forja parte do mundo subjetivo do leitor a partir dos temas que o texto literário propõe (Freire, 2008). Isto porque o texto literário pode engendrar no leitor o afastamento reflexivo e o desprendimento de si, que o levam a colocar em suspenso (ou em xeque) suas próprias convicções e seus hábitos relacionados à maneira com que se porta no ambiente em que vive (Almeida, 2008). Cabe notar, neste ponto, que um texto literário não pode ser considerado desencadeador de uma leitura de escuta a priori, porque essa possibilidade de leitura como experiência depende exclusivamente da abertura a que o leitor se permite no encontro com o texto, e não da qualidade do texto em si.

A leitura de um texto literário se diferencia das leituras dos demais tipos de texto por não possuir como objetivo último a assimilação de uma informação dada e, sim, por perseguir esta experiência de criação (e recriação) de sentido mediatizada pelo encontro entre leitor e texto (Blanchot, 1987). Nesta perspectiva, Almeida (2014) se refere à leitura de textos literários como uma experiência total, ou seja, uma atividade centrada em si mesma cuja finalidade não é senão a própria experiência da leitura e as possíveis ressonâncias dela na subjetividade daquele que a pratica. O texto literário, por sua vez, não possui a finalidade de transmitir verdades cristalizadas, mas, antes, “constitui um campo de relativismo em que deixa acontecer o próprio sentido em seu seio” (Almeida, 2008, p. 5), a partir do que é possível pensar em resistências através da experiência vivida pelo leitor durante a leitura.

Na leitura individual e de escuta de textos literários, a leitura é reflexiva, uma espécie de modo particular de se viver a experiência da solidão e do silêncio (Larrosa, 2003). Ela é caracterizada por uma interrupção no fluxo da vida cotidiana, um íterim

suspensão em que é possível “ruminar” as ideias apresentadas pelo texto e fruí-las no silêncio necessário à elaboração de novos sentidos. Nesta modalidade de leitura, o silêncio da solidão detém o tempo veloz do mundo cotidiano que anula as possibilidades de reflexão a partir de uma incursão exploratória no plano dos sentidos (Cabral, 2006; Larrosa, 2003). Essa incursão, que visa ao acolhimento das propostas de reflexão oferecidas pelo texto, pode encadear no leitor uma abstração do mundo que lhe permite emprestar novos sentidos ao entorno e a si mesmo.

Para discorrer sobre a leitura de textos literários como uma experiência centrada em si mesma, é preciso definir, afinal, o que se entende por experiência. Larrosa (2002, 2003) se ocupa em definir este conceito partindo da significação de *experiri*, palavra em latim que remete a “provar” ou “experimentar”, o que afirma a condição de que a experiência ocorre apenas quando há um encontro com algo que se prova ou experimenta – ou seja, uma abertura ao novo. O radical *periri*, por sua vez, remete à ideia de perigo, ou risco, sendo encontrado também em *periculum*. Já a raiz indo-europeia, *per*, relaciona-se à noção de travessia, viagem ou passagem. Portanto, a experiência convocaria o lançar-se do sujeito a uma série de proações, “degustações” ou experimentações que incluiriam o perigo de ser confrontado com realidades e verdades diferentes das suas, explorando um mundo incerto e desconhecido a partir do qual ele pode construir uma sabedoria para si a partir deste contato com o inédito (Larrosa, 2002, 2003).

Nesse sentido, o sujeito aberto à experiência é o sujeito que “se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova [ou provando, experimentando] e buscando no encontro sua oportunidade, sua ocasião para transformar-se” (Larrosa, 2002, p. 25). Muito mais do que o acúmulo de informações ou atividades, o sujeito da experiência busca a potência transformadora daquilo que chega a ele, estando atento, assim, ao modo como a vida ao redor interfere em seu mundo subjetivo.

Afirmar a leitura de textos literários como uma experiência implica considerá-la como possuidora de um potencial transformador que não é facilmente encontrado nos demais tipos de leitura, como na leitura de aquisição de informação, por exemplo. Isto porque a leitura de textos literários não se encerra na simples decifração cognitiva de um código compartilhado entre autor e leitor, tendo este último o objetivo de interpretar literalmente o que o texto comunica para assimilar seu conhecimento (Cabral, 2006). A leitura de textos literários pressupõe precisamente o que a experiência, enquanto conceito, convoca: a possibilidade de fazer com que o sujeito (no caso, o leitor) se interroge e

interrogue o mundo, estranhando-o, não dissociando o significado e o sentido do texto com o sentimento perturbador que ele pode provocar (Almeida, 2014; Freire, 2008).

## 5 DO ÓCIO...

A palavra ócio atualmente aparece muitas vezes como sinônimo de preguiça. O preguiçoso, como também o ocioso, é uma figura que se contrapõe à sociedade da produtividade capitalista. Eles vão de encontro à ordem imperativa de estar online 24 horas por dia, ligado e conectado em um mundo que não pode parar.

Para compreendermos o ócio como uma forma de resistência na contemporaneidade, torna-se necessário diferenciarmos alguns conceitos que não só foram perdendo-se ao longo da história, como também foram confundidos e interligados.

Segundo Larossa (2002) as palavras produzem sentido, criam realidades que muitas vezes funcionam como potentes mecanismos de dominação e reafirmação de valores. Pensar não é somente argumentar, calcular, mas dar sentido a si e aos fenômenos que acontecem na realidade, e para isso precisamos das palavras.

Levando-se em consideração o contexto da contemporaneidade, poderemos compreender os conceitos de ócio, tempo livre, lazer e trabalho em seus percursos e transformações ao longo dos anos – tentando não perder o que Martins (2013) destaca como o fio histórico herdado e transformado, mas com o intuito de manter suas possibilidades subjetivas e de apropriações.

De acordo com Martins (2013), Munnè sistematizou 4 tipologias do tempo (psicobiológico, socioeconômico, sociocultural e tempo livre). Poderíamos supor que o tempo livre deveria ser o tempo de total autonomia e subjetividade do sujeito, mas infelizmente não é isso o que acontece. A mercantilização do tempo livre acaba por torná-lo um tempo voltado para a diversão superficial e a recuperação de forças para o trabalho. O que muitas vezes o confunde com lazer.

Nas sociedades pré-industriais, o trabalho integrava elaborações naturais do cotidiano e nelas estavam inclusas as diversões e brincadeiras. O tempo subjetivo e o tempo do trabalho possuíam intrínsecas relações. Concluimos, então, que o tempo livre atualmente pressupõe um tempo de não liberdade. Na verdade, tempo livre de quê? (Martins, 2013).

Apesar de o tempo livre existir desde os gregos antigos, ele ganha na era industrial uma outra conotação, que o leva a supor uma “liberdade de...”, pois nos vemos livre do tempo do trabalho, que também ganha novos contornos.

O trabalho na era pós-industrial é vendido como mercadoria, juntamente com o tempo, tornando o ser humano desapaixonado da sua própria dimensão fundamental, que é a temporalidade. Surge assim um tempo inautêntico e inumano, fundado por um profundo desespero existencial face à velocidade e fluidez da contemporaneidade (Martins, 2013).

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, o trabalho aliou-se à disciplina e à ordem institucional como forma de controle e repressão. A instituição de um saber aliada ao poder, a repressão e a produção associam o tempo da vida ao tempo do labor. “Hoje, o trabalho sequestrou de forma radical o tempo” (Novaes, 2014, p. 15).

Já o termo lazer, no período pós-industrial, de acordo com Dumazedier (1979), passa a ser considerado um tempo que se relaciona a uma liberação das obrigações sociais e laborais, condicionadas pelas condições socioeconômicas. No Brasil, o lazer nasce, segundo Martins (2013), dentro de um processo de institucionalização da vida cultural, que vem influenciar também a noção de tempo livre. Daí surge seu contraponto: o ócio, como o lugar do vício e do pecado, dando origem à palavra “ociosidade”, sinônimo de vagabundagem, perdição e desobediência. Afirma-se então que o ócio é o pai de todos os vícios em contraponto ao trabalho, pai de todas as virtudes.

Vícios e virtudes não são universais, mas pensados com os valores e crenças de uma dada época e cultura. A partir da criação do trabalho, de acordo com Novaes (2012), como um capital a ser comercializado, a preguiça, assim como o ócio, torna-se um vício; e o trabalho, uma virtude. Mas nem sempre foi assim.

Na antiguidade grega, não havia a noção de preguiça ou ócio como vício, muito menos de trabalho como virtude. Pensar sobre os valores e crenças que nos cercam nos ajudam a pensar a realidade como algo que é construído com significados que se predisõem a expectativas e demandas esperadas por certos grupos sociais.

Salis (2013) nos traz a etimologia da palavra ócio para revermos conceitos que se tornam possibilidades de resistências na contemporaneidade. A palavra ócio deriva do latim, *otium*, que significa o “fruto das horas vagas”, do descanso e da tranquilidade, pressupondo a ideia de parada desejada, repouso e momento para vagar os pensamentos.

Essa noção deturpada de ócio como algo nocivo é totalmente contrária à epistemologia do conceito que Salis (2013) aborda. A partir do nascimento das sociedades mercantilistas, os interesses e as conquistas econômicas tornam-se seu objetivo principal; isso se delineia no mundo helênico com as conquistas de Alexandre Magno.

Perde-se a vinculação de ócio com sua origem, otium. Ele é deturpado e confundido com lazer e tempo livre, dentro de uma conotação negativa, frente à hipervalorização do trabalho.

Pensando o ócio a partir da experiência vivida, como sugere Cuenca (2008), vê-se que ele é sinônimo de experiência desejada, apreciada e, é claro, resultado da escolha livre. O ócio, aqui, longe de ter uma conotação universal, passa a integrar a forma de ser de cada pessoa, sendo a expressão de sua identidade, o significado é atribuído por quem vivencia a experiência.

Sendo uma experiência pessoal, o ócio não cabe em manuais e modelos direcionados, o que infelizmente muitas vezes se imprime ao tempo livre e ao lazer na contemporaneidade. Basta ler alguns manuais de autoajuda ou folhetos de empresas de turismo e “lazer”.

Na educação grega, segundo Salis (2013), a função essencial do ócio era ser criador e permanecer durante a vida do homem. Desenvolve-se uma educação para o ócio, a Psicagogia. O ócio criador e contemplativo do tempo social era voltado para a busca de si, do outro e do sentido da existência. O ócio na antiguidade clássica era aprendido na educação. Assim também se dava com a palavra e o silêncio, que precediam de uma arte, tanto de calar-se como de falar. Era objeto de aprendizados, maneiras e códigos de conduta (Matos, 2014).

Na década de 1990, a palavra ócio entra em moda no Brasil através da divulgação do conceito de “ócio criativo”, definido pelo sociólogo Domenico de Masi. O ócio criativo, de acordo com Aquino e Matins (2007), infelizmente não rompe a lógica produtiva; muito pelo contrário, ele reafirma os valores utilitaristas e compensatórios face ao trabalho.

Ócio e tempo livre são muitas vezes tomados como um mesmo fenômeno social, confundidos também com o lazer. Aqui surge uma possibilidade de subversão de valor da atividade, como cita Aquino e Martins (2007). Quando associamos lazer e ócio, a categoria tempo, como mediação, pode instaurar no elemento autonomia o diferencial nessas duas categorias. Recoloca-se o ócio aqui mais próximo de sua origem grega.

Novaes (2012) reflete que o trabalho meditativo do ocioso exige muito mais trabalho do que o trabalho mecânico. Pensemos aqui trabalho como obra, como a realização de apropriar-se de si, de se possuir e não ser possuído por um tempo medido pelo relógio. O trabalho do preguiçoso demanda uma atividade enorme do espírito, numa resistência ao capital e ao relógio que acaba esmagando nossa graça e vitalidade

Lafargue (1999) elogia os gregos e a preguiça (ócio) na invenção da ciência contemplativa, no pensar como um passeio da alma. Um tempo que é avesso à aceleração e à finalidade contabilizada. A atualidade fica refém de uma mobilização infinita e de mudanças constantes, como se isso fosse garantia do preenchimento do tédio e do vazio que vêm nos atormentando diariamente. O cansaço insone está longe de preencher nossos vazios existenciais (Matos, 2012; Han 2015).

Conferindo dignidade à preguiça, Lafargue (1999) reabilita a tradição grega e romana à Scholé e ao otium para denunciar a alienação presente na força de trabalho capitalista. A contemporaneidade repudia a preguiça e o ócio por não se enquadrarem no paradigma da produção e do controle do tempo.

Alguns autores citados por Novaes (2012) percebem a resistência no modo preguiçoso e ocioso de lidar com a vida. Cossery, Lafargue, Marx, Stevenson e outros veem na figura do preguiçoso uma arma de subversão política, uma maneira de resistência que nos leva a lucidez e recusa a seguir ditames e normas diante de uma vida que se reproduz na produção de bens de consumo.

Saber ser preguiçoso ou ocioso, ou seja, saber o que fazer quando não tem nada para fazer, é um luxo, uma arte e um privilégio daqueles que têm o espírito livre – e tão livre que não se entediam. O tempo da preguiça, do ócio, não é um tempo de se matar; esse mal-estar de não saber o que fazer com o tempo é tedioso (Wolff, 2012).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a reflexão e o estudo sobre o silêncio e a leitura de textos literários como resistência possa nos ajudar a restituir o ócio como uma experiência gratuita, necessária e enriquecedora da natureza humana. O silêncio é uma possibilidade para o resgate de uma vida digna, na escuta de si mesmo e do outro, nas pausas e intervalos que ele consente. A leitura de textos literários é possibilidade de experiência para a perturbação das identidades (do leitor e do mundo) que convoca novas formas de pensar, agir e representar.

Restituir o silêncio talvez nos permita usufruir dos vazios e desertos existenciais, não como desesperos e fugas, mas com inscrições e reinscrições de sentidos e significados. Resiste-se à contemporaneidade que nos vende a ilusão de que não podemos parar. Podemos parar, podemos escutar silêncios e rumores de um mundo que clama por presenças reais e atuais. Um mundo que nos fala e convoca; basta ouvi-lo, basta ouvir-nos.

Por outro lado, o leitor de textos literários pode levar o que sentiu e produziu no momento da leitura para além da atividade concreta da leitura – pensando criticamente sua própria vida, sua história e seu ambiente e consciente de que pode continuá-los ou mudá-los, fazendo com que o sentido do texto ressoe em suas ações. Nesse caso, a leitura se torna uma experiência transformadora. E se trata de uma transformação porque, pela experiência, o leitor entra em contato com o inédito proposto pelo texto, podendo extrair deste alguma sabedoria – alguma nova maneira de perceber-se e perceber o redor. Assim, a leitura de textos literários afirma sua riqueza no próprio exercício de expor-se ao contato com o texto e fazê-lo suscitar forças ativas e reativas que marcam o campo experiencial da leitura.

Ao observarmos a figura do preguiçoso e do ocioso, ela acaba nos denunciando o mundo acelerado do progresso e do trabalho, que vem gerando uma série de patologias nessa sociedade do cansaço. O ócio vai na contramão dessa ordem produtiva, manifestando uma resistência na escuta silenciosa de si e do mundo que nos cerca. O mundo contemporâneo gera um vazio de pensamento que o ócio tem potenciais para compreender. Enquanto o trabalho mecânico e automático não prescinde do pensamento, o ócio se deleita sobre ele, sem tempo marcado ou cronometrado como produtividade.

A quietude, o silêncio, o espaço e a temporalidade própria da leitura de textos literários talvez nos possibilitem pensar resistências onde o tempo não é contabilizado, mas vivido como experiências de ócio, de apropriações e significados.

O tema que tratamos aqui é por demais vasto e complexo. Sabemos das limitações que o artigo apresenta. Nosso intuito foi o de trazer uma pequena fresta de luz para que talvez possamos enxergar resistências diante dessa contemporaneidade tão veloz e barulhenta. Resistências onde menos esperamos, onde menos enxergamos. Talvez seja mais simples do que pensamos; talvez a resistência esteja mais próxima de nós mesmos do que imaginamos.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, L. P. (2008). Literatura e subjetividade: reflexões sobre a linguagem e o exercício da liberdade. Artigo apresentado no IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENECULT), Salvador, BA. Retirado de <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14418.pdf>
- Almeida, L. P. (2009). Escrita e Leitura: a produção de subjetividade na experiência literária. Curitiba: Juruá.
- Almeida, L. P. (2014). A experiência total da leitura literária. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 143-158.
- Aquino, A. B. C., & Martins, O. C. J. (2007). Ócio, Lazer e Tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 8(2), 479-500, 2175-3644.
- Arendt, H. (2009). Sobre a violência. Rio de Janeiro, RJ: Civilização brasileira.
- Bauman, Z. (2005). Vida líquida. Rio de Janeiro: Zahar.
- Benjamin, W. (1994). Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense.
- Beriaín, J. (2008). Aceleración y Tiranía del Present. La metamorfosis em las estructuras temporales de la modernidade. Barcelona, ES: Anthopos.
- Blanchot, M. (1987). O espaço literário. Rio de Janeiro: Rocco.
- Breton, D. L. (1999). Do Silêncio. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget.
- Cabral, M. C. (2006). Encontros que nos movem: a leitura como experiência inventiva. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- Candido, A. (1999). A literatura e a formação do homem. *Remate de males*, 19(1), 81-90.
- Chevalier, J. & Gheerbrant, A. (2012). Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Cuenca, M. A. & Martins, J. C. (orgs.) (2008). Ócio para viver no século XXI. Fortaleza: As Musas.
- Deleuze, G. (1997). Crítica e Clínica. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). 20 de Novembro de 1923 - Postulados da Linguística. In G. Deleuze & F. Guattari (Orgs.), *Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia* (v. 2, pp. 11-59). Rio de Janeiro: Editora 34.
- Dumazier, J. (1979). Lazer e cultura popular – Debates, São Paulo: Perspectiva.
- Ehrenberg, A. (2000). La fatigue d'être soi- dépression et société. Paris: Odile Jacob.

Foucault, M. (2001). O que é um autor? In M. B. da Motta (Org.), *Ditos e Escritos: Vol. 3. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema* (pp. 264-298). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (2014). *Vigiar e punir*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Freire, J. C. (2008). Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como como experiência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(2), 2-9.

Grabois, P. F. (2011). Resistência e revolução no pensamento de Michel Foucault: contracondutas, sublevações e lutas. *Cadernos de ética e filosofia política* 19, 2/2011, pp. 07-27. São Paulo –USP.

Han, B. (2015). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Han, B. (2016). *No Enxame. Reflexões sobre o digital*. Lisboa, Portugal: Antropos.

Han, B. (2017). *Sociedade da transparência*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Han, B. (2017). *A agonia de Eros*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Kramer, S. (2000). Leitura e escrita como experiência: seu papel na formação de sujeitos sociais. *Presença pedagógica*, 6(31), 17-27.

Lafargue, P. (1999). *O Direito à Preguiça*. (T. Coelho, trad.). São Paulo, SP: Unesp.

Larossa, J. B. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro – RJ. (19), 20-28, DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

Larrosa, J. (2003). *La experiencia de la lectura*. México: Fondo de Cultura Económica.  
Larrosa, J. B. (2014) *Tremores: Escritos sobre experiência*. (C. Antunes, J. W. Geraldi, trad.). Belo Horizonte: Autêntica.

Lima, I. P. (2017). Construir modernidade no século XXI: Aceleração – Intervalo – Interpretação. *Word of Literatura – Journal for Modern Literatures*; (1), 13-22, 2336-6729.

Lipovetsky, G. (2007). *Os tempos Hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla.

Marinho, C. M. (2017). Os limites de resistência e de poder na relação entre direitos humanos e biopolítica. *Revista Dialectus*, ano 4. n.11. p. 88-99. ISSN- 2317-2010. DOI 10.30611

Martins, J. C. (2013). *Tempo livre, ócio e lazer: sobre palavras, conceitos e experiências*. Organização: Martins, J. C. & Baptista, M. M. O ócio nas culturas contemporâneas. Coimbra, Portugal, Coimbra: Grácio.

Matos, O. (2012). *Educação para o ócio: da acídia à “preguiça heroica”*. Organização: Novaes, A. *Mutações: Elogio à preguiça* São Paulo: SESC SP.

Matos, O. (2014). *A escola do silêncio: Acídia e contemplação*. Organização: Novaes, A. *Mutações: O silêncio e a prosa do mundo*. São Paulo: SESC SP.

Morgan, W. J., & Zimmermann, A. C. (2015). A time for silence? Its possibilities for dialogue and for reflective learning. *Studies Philosophy and Education*. 35(4), 399-413; DOI 10.100/s11217-015-9485-0.

Novaes, A. (org.) (2012). *As aventuras de uma palavra maldita*. *Mutações: Elogio à preguiça*. São Paulo: SESC SP.

Novaes, A. (org.) (2014). *Treze notas sobre o silêncio e a prosa do mundo*. *Mutações: O silêncio e a prosa do mundo*. São Paulo: SESC SP.

Piegay-Gros, N. (2002). *Le lecteur, textes choisis & présentés par Nathalie Piegay-Gros*. Paris: G. F. Flammarion.

Ribeiro, H. J. (2014). Pensar o neutro e seu silêncio: Esta radicalidade em potência. *Revista Outra travessia*. Rio Grande do Sul – RS. (18), 161-170, DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2176-8552.2015n18p161>.

Salis, V. D. (2013). *Ensaio sobre uma epistemologia sobre os termos ócio e trabalho*. Organização: Martins, J. C. & Baptista, M. M. *O ócio nas culturas contemporâneas*. Coimbra, Portugal, Coimbra: Grácio.

Steiner, G. (2014). *Linguagem e silêncio*. Portugal, Lisboa: Gradiva.

Wolff, F. (2012). *Apologia grega à preguiça*. Organização: Novaes, A. *Mutações: Elogio à preguiça*. São Paulo: SESC SP.

Yamakawa, I. A., & Tofalini, L. A. B. (2016). Aprender a rezar na era da técnica, de Gonçalo M. Tavares: *Silêncio primordial*. *Memento*. *Revista de linguagem, cultura e discurso*. 7(1), 1-19, 1807-9717. UNINCOR.